A Itália e a guerra no Mediterrâneo entre 1940-1943

La guerra in Italia e nel Mediterraneo: 1940-1943

Alfredo Oscar Salun[1]
UniABC/Anhanguera

Resumo

O presente artigo analisa a participação da Itália na Segunda Guerra Mundial, especificamente no *front* do Mediterrâneo, destacando as aspirações imperialistas de Benito Mussolini, assim como os resultados político e militar de sua aliança com a Alemanha nazista.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; Fascismo; Mediterrâneo.

Sintesi

Questo lavoro analizza la partecipazione in Italia nella Seconda Guerra Mondiale, in particolare di fronte al Mediterraneo, mettendo in evidenza le aspirazioni imperialiste di Benito Mussolini, e i risultati della loro alleanza politica e militare con la Germania nazista.

Parola chiave: Seconda Guerra Mondiale. Il Fascism. Mediterraneo.

- **Enviado em: 01/11/2012**
- **Aprovado em: 28/11/2012**

[1] Doutor em História Social pela USP, professor da UniABC/Anhanguera, pesquisador do NEHO/USP e GERP/UniABC. Autor dos livros "Zé Carioca vai à guerra" pela Editora Pulsar e "Revolucionários e Tiranos: Temas de História Contemporânea", Editora Todas as Musas. Email: aosalun@uol.com.br

Quando em 01 de setembro de 1939 a Alemanha invadiu a Polônia originando a Segunda Guerra Mundial, ainda não era possível prever que o conflito iria se alastrar pelo globo e ceifar milhares de vidas. O presidente Franklin Delano Roosevelt, em discurso para os meios de comunicação, reafirmou a neutralidade dos Estados Unidos e dias depois, na Conferência do Panamá, os países americanos decidiram pelo mesmo posicionamento e concordaram sobre a proibição da entrada de navios de guerra das nações beligerantes em seus portos ou em águas territoriais.

Ao ser deflagrado o conflito, a URSS, que representava o comunismo internacional, estava coligada ao regime nazista na invasão e fatiamento do território polonês. O inimigo tão decantado do regime fascista italiano fazia parte de uma estranha aliança que havia deixado muitas pessoas perplexas. Marc Ferro[2] analisou o choque causado entre os comunistas enfatizando essa análise nos franceses que, ao procurarem entender a estratégia adotada por Stalin, provocaram inúmeras discórdias. O mesmo ocorreu entre militantes fascistas, pois o Pacto de Aço entre Alemanha e Itália tinha como um dos objetivos o combate ao comunismo. Assim, o acordo entre Hitler e Stalin continua como alvo de intensa discussão, como atestam as obras de John Lukacs[3] e Viktor Suvorov[4].

O cartunista Belmonte explorou em seus trabalhos essas reviravoltas na diplomacia internacional, pois a ideia de um "jogo duplo" (como muitas vezes a historiografia se referiu ao posicionamento de Getúlio Vargas) não pode ficar resumida ao Brasil, já que Itália, França, Grã Bretanha, Japão, URSS e Alemanha haviam realizado verdadeiros malabarismos para justificar seus interesses e acordos políticos.

A Itália e o Mediterrâneo

No Império Romano, o Mar Mediterrâneo era conhecido como *Mare Nostrum*: uma clara alusão ao controle dessa via marítima que ligava a Europa às grandes riquezas do Egito e Oriente Médio. Após a vitória sobre Cartago nas Guerras Púnicas, as naus romanas navegavam incontestes e a ameaça dos piratas foi afastada pela ação enérgica de Pompeu.

No século XIX, o cenário era outro: o Mediterrâneo estava dominado praticamente pelos ingleses e franceses. Daí compreendermos a essência do discurso fascista que se propagava herdeiro dos césares e que ansiava, no mínimo, ser uma potência regional.

A Itália não possuía uma saída marítima para o Atlântico, sendo o único acesso o Estreito de

2 FERRO, Marc. *História da Segunda Guerra Mundial.* São Paulo. Editora Ática, 1995.
3 LUKACS, John. *Junho de 1941. Hitler e Stalin*. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2007.
4 SUVOROV, Viktor. *O grande culpado. O plano de Stalin para iniciar a Segunda Guerra Mundial*. Barueri. Amarilys Editora, 2010.

Gibraltar. Além do mais, a sua participação na Primeira Guerra Mundial contra os Impérios Centrais não havia trazido as compensações esperadas pelos governantes.

Nesse aspecto, segundo Paul Kennedy[5], havia uma ambiguidade na relação entre a Itália e a Inglaterra, pois, se existia uma dependência de matérias-primas provenientes das colônias britânicas por parte da Itália, em contrapartida o Mediterrâneo era considerado por ela como uma "extensão natural" do seu território e precisava tolerar ali a presença naval britânica que mantinha parte de sua esquadra em Alexandria, Gibraltar e Malta. MacGregor Knox[6] e Alexander Grand[7] afirmam que isso afetava o sonho de Mussolini em estabelecer um império italiano dos Bálcãs à África Oriental, e do Suez até Gibraltar.

Nos primeiros anos da década 1930, as relações diplomáticas entre os dois países eram mantidas em um estado de cordialidade e políticos conservadores (como Churchill) fizeram declarações de simpatia por Benito Mussolini. A ideologia fascista atraiu personalidades como Oswald Mosley, o líder do Partido Fascista Britânico. Esse cenário da atração exercida pelo *Duce* sobre as elites britânicas foi descrito no filme *Chá com Mussolini*[8]. A amizade entre as duas nações foi abalada em função da invasão italiana na Etiópia, que levou à condenação do país pela Liga das Nações, liderada pelos britânicos e pelos franceses.

Entretanto, em 1939, mesmo com os acordos assinados com Adolf Hitler e com o estremecimento das relações com os ingleses, diversos militares e hierarcas fascistas tinham reservas em relação à Alemanha nazista e também se opunham a um conflito contra a poderosa Grã Bretanha, argumentando que o país não estava preparado militarmente. Mas quando a guerra eclodiu, a entrada da Itália era vista por diversos diplomatas e jornalistas como uma questão de tempo, em virtude das aspirações de Mussolini.

A marcha para o Teatro de Operações no Mediterrâneo

Michael Mann[9] aponta aspectos do cotidiano que refletiram a radicalização do regime no início dos anos 1930: foi adotada a saudação fascista no lugar do aperto de mão, os funcionários públicos começaram a usar uniformes e o passo romano foi incorporado no exército. O fascismo assumiu uma política expansionista e ocorreu uma concentração de poder nas mãos de Mussolini, que assumiu o comando das forças armadas em 1932.

5 KENNEDY, Paul. *A Ascensão e Queda das Grandes Potências.* Rio de Janeiro. Editora Campos, 1989.
6 KNOX, Macgregor. *Mussolini Unleashed, 1939-1941: Politics and Strategy in Fascist Italy's Last War.* New York .Cambridge University Press, 1986
7 GRAND, Alexander. *Itália Fascista e Alemanha Nazista*. São Paulo. Editora Madras, 2005.
8 CHÁ com Mussolini. Direção: Franco Zeffirelli. Universal Pictures, 1991. 1 DVD (148 min), NTSC, color. Título original: *Tea with Mussolini.*
9 MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro. Editora Record, 2008.

A ideologia fascista, segundo Donald Sassoon[10], estava baseada no culto à virilidade e à guerra como sendo *"um processo de higienização dos povos" ou "como única fonte de progresso humano"*, onde os fracos morriam e sobreviviam os mais fortes.

Alexander Grand[11] indica que o primeiro ato da expansão imperialista fascista ocorreu em 1935, quando tropas italianas invadiram a Etiópia. Após uma luta muito mais árdua do que o esperado, Benito Mussolini, no ano seguinte, declarou o rei Vitor Emanuel III imperador da Etiópia. Da sacada do Palácio Venezia em Roma anunciou, em 09 de maio de 1936:

> Nossa espada cintilante cortou todos os nós e a vitória africana permanecerá completa e pura na história da pátria... o povo italiano forjou um império com seu sangue. Ele fertilizará com seu trabalho e o defenderá com suas armas contra quem quer que seja[12].

Esta invasão foi seguida por uma condenação da Liga das Nações e pela ameaça de um boicote econômico. E foi exatamente nesse cenário de isolamento internacional que Benito Mussolini recebeu o apoio de Hitler, dissipando as reservas que o líder italiano tinha em relação ao nazismo e criando um ambiente positivo para se forjar uma aliança (historiograficamente discutida se era pragmática ou ideológica) entre os dois ditadores, assinada em outubro de 1936, denominada de Eixo Roma-Berlim. Hitler rompeu com o Tratado de Versalhes e ocupou a Checoslováquia em março de 1936, nos mês seguinte, Mussolini invadiu a Albânia e em julho, se envolveu no conflito espanhol. Aos poucos, os interesses italianos foram se deslocando de regiões que geravam atritos com os alemães (Áustria e Checoslováquia) e se concentrando ao redor do Mediterrâneo. [13]

Outro teste militar para o fascismo foi a Guerra Civil na Espanha, quando Mussolini enviou armas, equipamentos, munições e soldados em apoio aos nacionalistas de Franco. Além de colocar em prática o celebrado combate ao comunismo internacional, tal participação também pode ser analisada como parte de uma estratégia política italiana, já que a Espanha podia ser um aliado importante para o controle do Mediterrâneo considerando sua disputa histórica com os ingleses pelo controle do estreito de Gibraltar.

Parcela dos especialistas analisa a participação nesse conflito como apenas uma aventura, que desgastou drasticamente os parcos recursos militares e econômicos da Itália, que comprometeriam sua atuação na Segunda Guerra, mas devemos levar em consideração que a diplomacia e a política internacional afetaram algumas decisões de Mussolini, principalmente em

---

10 SASSOON, Donald. *Mussolini e a ascensão do Fascismo*. Rio de Janeiro. Editora Agir, 2009.
11 GRAND, Alexander. *op.cit*.
12 PAXTON, Robert. *A anatomia do Fascismo*. São Paulo. Paz e Terra, 2007. P 272
13 Ver TRENTO, Angelo. *Fascismo italiano.* São Paulo. Ática, 1986; GRAND, Alexander. o*p.cit*. e MANN, Michael. *Op.cit.*

relação á aspiração imperial, como salientou John Gooch[14].

O discurso belicista repousava no ideal de reviver o esplendor romano, e o orgulho nacionalista era fomentado com a propaganda sobre suas forças armadas. Paul Kennedy[15] e John Gooch[16] explicam que a Força Aérea Real - criada pouco após a ascensão de Mussolini - ostentava uma aura de modernidade tecnológica aliada ao culto do espírito audacioso fascista, que pode ser sintetizado nas proezas do hierarca Ítalo Balbo, reconhecido mundialmente pela travessia do Atlântico: as aventuras de sua esquadrilha eram estampadas nos jornais do mundo e em revistas especializadas sobre a *"vida fascista"*.

É licito afirmar que, entre as décadas de 1920 e 1930, ocorreu um desenvolvimento significativo da aviação militar italiana. Contudo, em 1939, ela que havia sido uma das mais poderosas do mundo, carecia de investimento e modernização.

Nos estudos de Robert Mallett[17], o mesmo padrão se aplica à Marinha Real, que era uma das maiores frotas do mundo e estava concentrada no Mediterrâneo, o que a tornava um rival de peso à esquadra britânica que se encontrava distribuída pelo Império. Ela era composta por grandes couraçados, cruzadores, submarinos, destróieres, torpedeiros e lanchas, mas não dispunha de porta aviões, que se demonstrariam indispensáveis nas grandes batalhas navais na Segunda Guerra.

Como compensação dessa deficiência, o alto comando alardeava que a Itália continental e as ilhas sob seu controle poderiam desempenhar essa função e que, de suas bases, partiriam os aviões de combate. Muitos navios tinham sido remodelados e os estaleiros pretendiam entregar diferentes vasos de guerra até 1942, mas a falta de combustível, matéria-prima e a pouca eficiência produtiva comprometeram os planos de modernização e ampliação naval.

Das três armas, o exército era o que estava em pior situação. O tradicionalismo e a aversão à modernização - que caracterizava o alto oficialato - somava-se à desorganização e à falta de equipamentos. O treinamento era insuficiente e o armamento pesado ultrapassado. Assim, apenas alguns batalhões tinham qualidade condizente com os percalços de uma guerra moderna. O alto comando acreditava que o número de soldados (Mussolini sonhava com oito milhões de baionetas) poderia se sobrepor a um exército melhor provido, mas inferior em contingente[18].

Entretanto, não deve ser menosprezada a participação italiana na Segunda Guerra reproduzindo-a de forma pejorativa, pois o seu "malogro" tem muita semelhança aos insucessos de outros países nesse conflito.

---

14 GOOCH, John. *Mussolini and his Generals: The Armed Forces and Fascist Foreign Policy, 1922-1940.* Cambridge. Cambridge University Press, 2007.

15 KENNEDY, Paul. o*p.cit*,

16 GOOCH, John. O*p.cit.*

17 MALLETT, Robert. *The Italian Navy and fascist expansiom: 1935-1940.* London. Frank Class\Taylor & Francis Group, 1998.

18 Ver as obras citadas neste artigo de J. Gooch, R. Mallett, M. Bluemenson e M.Knox,

A Guerra no Mediterrâneo

A entrada da Itália no conflito, de acordo com Martin Kitchen[19] e Robert Mallett[20], seguiu a lógica traçada pela política expansionista fascista que apregoava o militarismo e a reconstrução do império romano. Todavia, devemos mencionar que as elites italianas apoiaram essa iniciativa em função dos interesses econômicos e políticos: participando dos conflitos europeus, os círculos dirigentes procuravam se afirmar no cenário internacional a partir de meados do século XIX.

É o que se constata no Pacto de Amizade e Aliança (Pacto de Aço), assinado em 22 de maio de 1939 entre a Alemanha e a Itália:

> Sua majestade o rei da Itália e da Albânia, imperador da Etiópia, e o chanceler do Reich Alemão creem ter chegado o momento de confirmar os estreitos laços de amizade e solidariedade que existem entre a Itália fascista e a Alemanha nacional socialista.... se acaso os interesses das partes contratantes forem ameaçados por acontecimentos internacionais de qualquer natureza, elas sem nenhuma demora se consultarão...[21]

Ainda, o artigo 3º definia que qualquer das partes contratantes, se envolvida em complicações bélicas com outras potências, a outra parte deveria colocar-se ao seu lado, seja por força área, terrestre ou marítima.

Dessa forma, quando em 10 de junho de 1940 anunciou que havia enviado um comunicado de guerra aos governos da França e da Inglaterra, Benito Mussolini deu continuidade a uma política já conhecida na história da nação desde o processo de Unificação.

> Combatentes de terra, mar e ar! Camisas pretas da revolução e das legiões! Homens e mulheres da Itália, do império e do reino da Albânia! Ouçam! Bate no céu da nossa pátria uma hora marcada pelo destino-a hora das decisões irrevogáveis. A declaração de guerra já foi entregue aos embaixadores da França e Grã Bretanha. Entramos em campo contras as democracias plutocráticas e reacionárias do ocidente[22].

Para Michael Mann[23], o envolvimento de Mussolini no conflito se deveu ao desejo de aproveitar a situação desfavorável dos britânicos para iniciar uma política expansionista no Mediterrâneo. Mesmo com a oposição de elementos mais sensatos, ele decidiu se engajar no conflito europeu desconsiderando os alertas sobre o despreparo para ações de grande envergadura, já que de acordo com o relatório do Estado Maior das Forças Armadas, a modernização militar do país estaria concluída somente entre 1942 e 1943.

---

19 KITCHEN, Martin. *Um Mundo em Chamas*, Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1994.
20 MALLETT, Robert. *Mussolini and the origins of the second war world 1933-1940*. New York. Palgrave Macmillan\ Houndmills, 2003.
21 PALLA, Marco. *A Itália Fascista*. São Paulo. Editora Ática, 1996. P 115
22 *ibdem.* P 118
23 MANN, Michael. *op.cit*.

O governo dos Estados Unidos manifestou sua indignação com o ataque italiano à França e, apesar de manter uma política de neutralidade já que a opinião pública interna era, na sua maioria, a favor da política de isolamento, resolveu acelerar os planos de defesa continental, pois acreditava que a entrada do país no conflito era uma questão de tempo: na Ásia havia desentendimentos com o Japão e na Europa estava forjada uma aliança entre os inimigos da democracia liberal; Alemanha, URSS e Itália.

Na Conferência de Havana em 1940, os países americanos rechaçaram a agressão italiana e assinaram uma proposta de alinhamento diplomático com qualquer país do continente que fosse vítima de atos hostis. Os Estados Unidos buscavam, mediante pressão diplomática e econômica, garantir o monopólio de matéria-prima e manter sua influência continental, conforme observou Frank McCann[24] .

A resistência britânica continuou mesmo após a rendição da França, e sua tenacidade pode ser avaliada pelo bombardeio realizado contra a marinha francesa, pois temia que esta caísse nas mãos dos alemães e fosse utilizada para a invasão do país. Ainda que houvesse lideranças favoráveis a um armistício com a Alemanha, esta possibilidade se distanciou quando ocorreu a substituição de Chamberlain por Churchill como ministro, em maio de 1940. Hitler ofereceu aos britânicos um armistício, e as pressões para que Churchill aceitasse foram enormes e procediam de várias partes do mundo[25].

Em 1940, as forças do Eixo pareciam vislumbrar enormes horizontes. Em setembro daquele ano, assinaram o Pacto Tripartido (Alemanha, Itália e Japão) que definia as respectivas áreas de influência. Detalhava também que, se um país que não estivesse envolvido no conflito europeu ou na guerra sino-japonesa atacasse um dos signatários, este receberia apoio militar, econômico e político. E o comunismo internacional continuava a ser um inimigo, mas deixava claro que isso não comprometia os acordos assinados entre as três potências com a Rússia Soviética[26].

Enquanto Hitler usava sua aviação para bombardear Londres, ocorreram os primeiros enfrentamentos entre britânicos e italianos na África. Os comandantes Ítalo Balbo e o Duque de Aosta haviam feito previsões pessimistas em relação às condições militares nas colônias, pois, se os britânicos eram inferiores em número, por outro lado, contavam com melhores equipamentos, além de suprimentos e combustível em maior quantidade.

Inicialmente, os italianos colheram alguns sucessos e as batalhas se irromperam com o avanço das tropas estacionadas na Abissínia em direção ao Sudão, empurrando os britânicos para o

---

24 MCCANN, Frank. *The Brazilian American Aliance, 1937-1945*. Princeton. Princeton University Press, 1973.
25 LUKACS, John. *O duelo Churchill x Hitler*. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2002.
26 PALLA, Marco. *Op. cit.*

Oriente Médio e para o Egito. Na região do Saara, com a morte de Balbo (28 de junho de 1940), o Marechal Rodolfo Graziani, seu substituto, obrigou os britânicos a recuarem para o Egito e em 16 de setembro ocupou Sid Barrani, onde ficou estacionado em virtude da falta de combustível e de problemas logísticos, contrariando o desejo de Mussolini de continuar a ofensiva. No mar Mediterrâneo, em 11 de novembro de 1940, aviões britânicos atacaram a esquadra italiana ancorada em Taranto e avariaram diversas naus, incluindo os grandes couraçados.

Diversos autores admitem que o esforço de guerra italiano ficou comprometido com a invasão da Grécia em outubro de 1940. O *Duce* estava descontente por não ter sido consultado nas decisões tomadas por Hitler e assim decidiu realizar uma guerra paralela onde se pretendia constituir um *front* italiano estabelecendo sua esfera de influência no Mediterrâneo. Foi um enorme fracasso que obrigou a intervenção alemã na região, abalando o prestígio italiano.

Dentre os motivos principais que contribuíram para o malogro das ações militares estavam o treinamento e equipamentos insuficientes, falta de organização, baixa produtividade industrial, excessiva ampliação do raio de ação (que dificultava as linhas de abastecimento), carência de matéria-prima e os problemas de coordenação entre o alto comando e seus generais no *front*.

Aproveitando essa situação, os britânicos, entre dezembro de 1940 e maio de 1941, contando com os reforços de tanques pesados, penetraram na Líbia, capturaram diversos portos colocando em perigo Trípoli e ainda ocuparam a Abissínia e a Somalilândia, fazendo cerca de cento e trinta mil prisioneiros. Os insucessos militares se repetiram no mar, quando foram travadas as batalhas no cabo de Matapam, no fim de março de 1941. Os britânicos saíram novamente vitoriosos, contando com a vantagem da aviação e dos radares. Com esse revés e sem a cobertura da aviação, os italianos decidiram não colocar em risco suas naus e passaram o restante do conflito praticamente ancorados nos portos[27].

O império italiano na África estava comprometido e para evitar uma catástrofe, os alemães enviaram um corpo expedicionário comandado por Erwin Rommel, cuja ofensiva se iniciou nos meses de março e junho de 1941 e obteve inúmeras vitórias, amparado pelos blindados e com o apoio da aviação. Em julho de 1942 chegou ao Egito e, de acordo com Blumenson[28], sonhava com a conquista de todo o Oriente Médio. Seus êxitos assustaram Churchill, mas nessa data já estava concluída a aliança anglo-americana que começou a enviar reforços para esse setor.

Para Benito Mussolini, a ideia de uma vitória rápida dos alemães sobre os ingleses, que permitiria a ele tirar vantagens como país beligerante, demonstrava ser um equívoco. E a situação piorou quando o conflito europeu se ampliou em 22 de junho de 1941 com a invasão da URSS

[27] cf. BLUMENSON, Martin. *A invasão da Sicília: Vitória ou Derrota.* Rio de Janeiro. Editora Renes, 1976.
[28] ver BLUMENSON, Martin. In: BARNETT, Corelli. (org.). *Os Generais de Hitler.* Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1989.

pelos alemães, que alegavam colocar em prática a luta contra o comunismo. Ao invés de reforçar o setor africano, como argumentavam seus subordinados, Mussolini enviou um corpo expedicionário italiano de duzentos e cinquenta mil soldados para combater na União Soviética.

A guerra se tornou mundial com o ataque japonês à base norte americana em Pearl Harbor (7 de dezembro de 1941), e quatro dias depois, seguindo o Acordo Tripartite, Alemanha e Itália declararam guerra aos Estados Unidos. Os inimigos da Itália se ampliavam na medida em que seus malogros aumentavam. Em 28 de janeiro de 1942, seguindo as orientações da 3ª Reunião de Consultas dos Ministros das Relações Exteriores no Rio de Janeiro, diversos países americanos, inclusive o Brasil, romperam relações diplomáticas com os países do Eixo em solidariedade aos Estados Unidos.

Após uma série de ataques de submarinos ítalo-germânicos aos navios brasileiros, em agosto de 1942 foi declarado o estado de guerra em todo território nacional. Finalmente, após o encontro entre Roosevelt e Vargas em janeiro de 1943, o Brasil discutiu a remessa de tropas para lutarem na África.

Aos poucos, a vantagem do complexo industrial-militar conjunto dos Estados Unidos, URSS e Grã Bretanha sobre a coligação inimiga mostrava-se fundamental. Em novembro de 1942 ocorreu a rendição do regime de Vichy na África do Norte Francesa, mas, apesar da sua superioridade militar, os Aliados não tiraram melhor proveito. Andrews Robert ressaltou os desentendimentos entre os ingleses, que queriam estender o conflito no Mediterrâneo para invadir a Itália, e os Estados Unidos, que pretendiam um ataque à Alemanha [29].

Nesse cenário é que se desenvolveu a conferência em Casablanca em janeiro de 1943 entre Winston Churchill e Franklin Roosevelt, que decidiram desembarcar na margem norte do Mediterrâneo e escolheram o General Eisenhower como comandante supremo na região.

Para Martin Kitchen:

> Churchill defendia a invasão da Itália, pois pretendia usar suas bases para as ofensivas de bombardeio contra a Alemanha. Embora Marshall não se impressionasse com esses argumentos, havia numerosos americanos no Estado Maior de Eisenhower favoráveis à invasão da Itália. Planos alternativos, por conseguinte, foram traçados para as invasões da Sardenha e Itália, de modo que quando a "Operação Husky" foi lançada, era ainda incerto onde os Aliados atacariam em seguida[30].

Nessa época, os alemães concentravam seus esforços no leste europeu. Assim, a escassez de combustível, armamentos, munições e a dificuldade de repor os soldados perdidos foram fatores que contribuíram para a derrota do Eixo na África.

---

29 ROBERTS, Andrews. *Mestres e comandantes*. Rio De Janeiro. Editora Record, 2012.
30 KITCHEN, Martin. *Op.cit.* p 103

Em maio de 1943 as divisões italianas e alemãs se renderam, perdendo cerca de duzentos e cinquenta mil soldados que poderiam ter auxiliado na defesa da Itália. Os novos comandantes das forças do Eixo no Mediterrâneo, Vittorio Ambrosio e Albert Kesselring, apontaram as dificuldades para a defesa da Sicília e da região sul italiana.

Na mesma ocasião, Adolf Hitler e Benito Mussolini realizaram uma conferência (19 de julho de 1943) em Feltre, na qual se esperava que o *Duce* pudesse persuadir seu aliado para uma paz em separado com a URSS, ou mesmo o recuo das tropas para criar uma linha de defesa. Nada disso ocorreu e os ataques dos Aliados à Itália se sucederam, minando ainda mais o moral da população em uma guerra que se mostrava impossível de ser ganha.

Em pouco tempo, as forças aliadas conquistaram as ilhas que serviam de fortalezas no Mediterrâneo, como Pantelleria, para utilizarem como base. Ela foi subjugada mediante forte bombardeio aeronaval que transformou em escombro o centro urbano e arrasou o sistema defensivo italiano. Assim, as forças terrestres só foram usadas para a sua ocupação, já que não houve resistência ao desembarque das tropas aliadas. [31]

O próximo passo foi a invasão da Sicília em 10 de julho, com o desembarque do 8º Exército britânico, sob o comando de Bernard Montgomery, e do 7º Exército americano de George Patton que mesmo com o auxílio do fator surpresa, enfrentaram a resistência das forças do Eixo. De acordo com a estimativa de Andrews Roberts, para cada soldado alemão morto, havia a perda de três combatentes aliados, que demonstrava a supremacia das tropas germânicas no que concerne as ações no campo de batalha[32].

Apesar da superioridade material, com muito custo os Aliados conseguiram se apoderar da Sicília em agosto, e os alemães se retiraram para a Itália em uma operação brilhantemente conduzida, com um número insignificante de baixas. O historiador militar Shelford Bidwell[33] avaliza essa opinião na obra "os Generais de Hitler":

> Em seis dias e sete noites de agosto de 1943, entre 60.000 e 80.000 soldados conseguiram cruzar para o território continental da Itália, incluindo todos os alemães e parte considerável do valioso equipamento necessário para travar, no solo italiano, as batalhas que se avizinhavam. O fato de o jactancioso Patton não conseguir sequer fazer uma mossa nas defesas alemãs de Messina, de a misteriosa indolência de Montgomery acabar resultando no fracasso do 8º Exército em perseguir um inimigo batido e da inatividade das marinhas de guerra e forças aéreas dos Aliados terem todos contribuído para o sucesso de Kesselring, em nada diminuem sua façanha de organização de uma Dunquerque alemã[34].

---

31 cf . BLUMENSON, Martin. *op.cit.*.

32 Ver ROBERTS, Andrews. *Op.cit.*

33 ver BIDWEL, Shelford. *Kelssering* In: BARNETT, Corelli (org.). *Os Generais de Hitler.* Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1996.

34 BIDWEL, Shelford. In: BARNETT, Corelli. *Op.cit*. p 134

Em 17 de julho, Roma havia sido bombardeada e a invasão do país era iminente. Assim, as elites econômicas, os militares e mesmo alguns fascistas reconheceram o fracasso italiano. No dia 25 de julho, após reunião do Grande Conselho Fascista que transferiu para o rei Vitor Emanuel a responsabilidade pela condução da guerra, Benito Mussolini foi demitido do cargo de primeiro ministro e substituído pelo marechal Pietro Badoglio.

Conclusão

Em cerca de três anos de conflito (junho de 1940 - julho de 1943), Benito Mussolini transmutou da imagem de grande conquistador, que a propaganda fascista levara anos para solidificar, para o de uma figura patética, que foi recolocada no poder devido à intervenção alemã.

Foi libertado da prisão por um comando alemão e, após curta conferência com Adolf Hitler, voltou para Itália e proclamou, em 17 de setembro de 1943, a República Social Italiana. Para Silvio Bertoldi era um Estado fantoche e, além de ser "último exército de Mussolini", também estava longe dos sonhos imperialistas e românticos do renascimento romano que caracterizaram o início da guerra. E o *Duce* tinha consciência de sua tragédia, mesmo ainda se fazendo valer da verborragia que lhe era natural[35].

Mesmo com toda a crise institucional, econômica, social e militar, a campanha para conquista da Itália pelos Aliados foi, na opinião de muitos historiadores, um verdadeiro fiasco. Praticaram sucessivos erros estratégicos, como o desembarque em Anzio, que por pouco não se tornou uma derrota.

Vários dos livros citados nesse artigo criticaram a campanha aliada na Itália, dentre eles, merece destaque pela polêmica produzida a denominada "Guerra Inútil" de Eric Morris[36], defendendo que foi uma campanha brutal, desnecessária e liderada por generais de competência duvidosa.

Martin Kitchen[37], ao comentar as ações dos generais Mark Clark, comandante do 5º Exército norte-americano que teve a FEB sob seu comando, destacou suas rusgas particulares com generais britânicos que o levavam a esconder seus objetivos dos aliados ingleses. O comandante britânico Harold Alexander é acusado de exagerar nas estatísticas de prisioneiros e materiais tomados dos inimigos para a obtenção de crédito político do Ministro Winston Churchill. E Bernard Montgomery é apresentado como um general lento em demasia para aproveitar as oportunidades militares apresentadas no campo de batalha.

35 BERTOLDI, Silvio. *Soldati a Saló*. Milano. Editora Rizoli, 1995.
36 MORRIS, Eric, *La guerra inutile. La campagna d'Italia 1943-45*. Milano. Casa Editriche Longanesi, 1993
37 KITCHEN, Martin. *op.cit*.

Atuavam no país tropas aliadas, alemãs, italianas leais ao rei, guerrilheiros e a guarda republicana fascista. O caos se aprofundava com os intensos bombardeios dos aviões aliados, que destruíram não apenas alvos militares, como centros urbanos e locais históricos, como o mosteiro de Monte Cassino, por exemplo.

> Os ataques dos anglo-americanos continuavam. No dia 15 de fevereiro de 1944, 450 toneladas de bombas foram lançadas contra um mosteiro beneditino, reduzindo a escombros um dos grandes monumentos culturais da Europa. Por sorte, os alemães já haviam transferido para o Vaticano, um lugar seguro, os tesouros de arte da abadia. As ruínas do mosteiro deram à 1º Divisão Aerotransportada uma posição defensiva excelente, mas o fato é que os Aliados repetiram várias vezes os mesmos erros no curso da campanha italiana. Arrasavam totalmente cidades e aldeias onde desconfiavam que os alemães se escondiam e dessa maneira lhes davam uma cobertura quase perfeita por trás dos escombros[38].

Esses erros de estratégia foram ressaltados por Eric Morris[39], que chamou a atenção para o elevado número de civis italianos mortos nos bombardeios aliados devido a interesses políticos e estratégicos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. A Campanha da Itália se deveu somente à necessidade de colocar em movimento os exércitos aliados estacionados no Norte da África, assim ela, na opinião de A.J.P.Taylor, foi decidida por falta de uma ideia melhor.[40]

Para os autores citados neste artigo, como Andrews Roberts, Shelford Bidwell e Eric Morris, muitos dos erros estratégicos cometidos foram ocasionados pela rivalidade existente entre os comandantes aliados, que obstava a ação conjunta de suas tropas enquanto a guerra de desgaste na Itália continuava e os Aliados progrediam em extrema lentidão, pois a parte peninsular do país possui relevo montanhoso que dificultava qualquer ofensiva de movimento.

Uma nova decisão veio criar problemas para as tropas Aliadas no *front* italiano. Os Estados Unidos, que pretendiam travar a batalha decisiva na França, impuseram seu ponto de vista e se preparavam para o desembarque na França, que se efetuou em 6 de junho de 1944. Por isso, não só ocorreu diminuição do volume de material disponível no TO da Itália, como também tropas anglo-americanas foram sendo retiradas da região e substituídas por divisões de outras nacionalidades, como poloneses, neozelandeses, sul-africanos, marroquinos e brasileiros.

É nesse contexto que a Força Expedicionária Brasileira participou da campanha na Itália, um setor que havia perdido importância em face das invasões bem sucedidas à Normandia e depois em Provença na França.

---

38 *Ibdem.* p 217
39 MORRIS, Eric. *op.cit*.
40 cf. TAYLOR, A. J. P. *The Second World War.* London. Penguin, 1976.